

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim).
Ferreira Mendes.
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITÓRIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Annuario Commercial.

16 DE NOVEMBRO DE 1912

N.º 332

A questão do oriente

A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia



Nazim Pachá, generalissimo do exercito turco

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de novembro de 1912

Nas columnas d'esta Revista, onde imparcialmente se vão anotando os acontecimentos da vida portugueza, cabe-me hoje o dever, que gostosamente cumpro, de registar um facto que muito nobilita o sr. Machado dos Santos — a sua proposta de amnistia para todos os delictos politicos ou religiosos commettidos até á data da sua apresentação.

Foi o sr. Machado dos Santos quem fez a republica e é elle quem vem propôr que se abram as portas das prisões áquelles que contra a sua obra, que sem duvida lhe é muito querida, attentaram por qualquer processo. O seu gesto é o de um homem de coração ao mesmo tempo que revela um politico habil, que sabe pesar os interesses da patria e zelar o prestigio das instituições por cuja implantação muito se arriscou.

Seja qual fór o resultado da sua proposta, que ella seja approvada ou rejeitada, ao seu proponente cabe a gloria de ter praticado um bom acto e de ter chamado sobre si os agradecimentos de milhares de familias ha tanto tempo privadas, muitas d'ellas, do carinho e do amparo dos seus chefes, sendo tanto mais para lou-

A conspiração monarchica



Julgamento dos soldados envolvidos no «complot» dos Loyos

(Phot. de ***)

var a sua generosa iniciativa quanto é certo que o sr. Machado dos Santos nunca aproveitou nenhuma das muitas amnistias que a monarchia concedeu aos que então conspiravam — pela simples razão de nunca ter sido preso.

A amnistia, assim concedida por proposta d'um dos vultos mais prestigiosos da Republica, revestiria um significado que em grande parte perderá se só fór dada a pedido das familias dos presos politicos.

Não me atrevo, não devo mesmo fazê-lo, a censurar essas familias que projectam ou projectavam pedir ao regimen o perdão d'aquelles que attentaram contra a segurança do mesmo. A sua dôr, que deve ser immensa, e por esse motivo muito respeitavel, tudo explica, embora eu pense que a amnistia não é cousa que deva ser solicitada por aquelles que mais directamente se interessam pela sua concessão.

Encarado o problema sob este aspecto, a proposta do sr. Machado dos Santos tem, alem de muitas outras, mais esta oportunidade — a de evitar a situação dolorosa d'essas familias, muito principalmente se o seu pedido não fosse attendido, collocando ao mesmo tempo a republica n'um plano de muito maior generosidade caso a sua proposta seja approvada.

Se os dirigentes actuaes da politica portugueza podessem esquecer as suas paixões, ás vezes demasiado vermelhas, se quizessem analysar friamente a situação do paiz, a amnistia seria um facto dentro de poucos dias.

Eu sei que se argumenta que é ainda cedo, que ainda se consi-

pira e que, quando em liberdade, os conspiradores voltariam a attentar contra a segurança do regimen.

Não discuto se assim succederia ou não. N'estas cousas ha sempre muitos que escapando da primeira não desejam envolver-se em segunda aventura; ha tambem os que passam toda a vida a conspirar, como aconteceu com muitos dos homens do actual regimen, que assim procederam até conseguirem os seus fins com a implantação da republica.

Não é, porém, d'isto que se trata. Quando um governo concede uma amnistia as suas vistas vão mais longe. Não se trata de assegurar a gratidão dos amnistiados, o que se pretende é não avolumar o numero dos descontentes, porque cada preso politico tem cá fóra pelo menos tres pessoas de familia e tres amigos que, lamentando a sorte do detido, podem vir a ser outros tantos conspiradores.

Convençam-se aquelles que só attendem ao seu odio que isto, como se está vendo, não vae a mal. O demasiado rigor nunca foi arma sufficiente para desarmar inimigos politicos, muito em especial quando esse rigôr se apresente desacompanhado de outras medidas que demonstrem bem á evidencia o tino dos governantes. A tyrannia pombalina, não obstante o afastado da epoca em que se fez sentir, nunca teria sido tolerada se o Marquez de Pombal não fosse um *homem*.

As leis demasiado rigorosas que a republica expressamente fez para applicar aos conspiradores, não impediram que se conspirasse. A sua applicação é que levantou protestos varios, não porque alguém quizesse contestar ao regimen o direito de se defender, mas porque a muitos assombrou que, em pleno seculo xx, se vestisse o capuz de penitenciaro áquelles que pretenderam substituir a forma republicana pelo systema monarchico de governar.

Falla-se por ahi no numero prodigioso de pessoas que teem emigrado este anno e afirma-se que nunca esse numero foi tão elevado como actualmente. Sendo assim não devemos attribuir ao facto uma causa politica?

Ha muita gente presa, muita gente tem sido perseguida, ameaçada, alguns abandonaram o paiz voluntariamente, outros viram-se obrigados a fugir; entre estas pessoas muitas dispunham de dinheiro, outras de influencia, e, portanto, arrastaram consigo muitas mais, produzindo-se assim a crise que vae levando para fóra de Portugal muitos braços que fazem falta.

Vejam o que tem succedido com o theatro de S. Carlos, que está fechado por não haver publico que o sustente. Não faz falta, diz-se, mas deve haver erro na afirmativa, porque nem só de pão vive o homem e porque Lisboa não é positivamente uma aldeia onde se passa sem um determinado numero de cousas.

Ora o sr. Machado dos Santos ponderou de certo todas estas circumstancia e muitas outras que me abstenho de referir para não alongar estas notas. A sua proposta tem, pois, toda a razão de ser. Ella constitue certamente o resultado da sua analyse, da sua convicção de que não se pôde governar um paiz a *mal*. Os descontentes ou conspiram ou *fogem*, deixando a republica entregue apenas aos republicanos.

A proposta do sr. Machado dos Santos é, por estes motivos, um acto habil, sem deixar de ser uma acção generosa que muito honra o seu character.

J. NUNES DE FREITAS.

Não venho dizer-te que aos fados afrontes,
Nem venho mostrar-te por cima dos montes,
Das nuvens, dos mares, dos seculos alem
O vulto da gloria fantastico, escuro...
Profetas, que mentem, só dizem — futuro!
Futuro! futuro! — e o futuro não vem!

TOBIAS BARRETO.

A VIDA ELEGANTE

Os primeiros frios obrigam os veraneantes retardatarios a procurar o doce conforto do lár lisboêta. Todos os dias os comboys, os grandes paquêtes. — e até os automoveis cobertos de pó denunciando largos trajectos pelas estrádas do paiz, trazem á vida cidadina aquélla movimentáda alegria, o bulicio, o ruido, a animação, que da Lisboa de marmore e de gra-



Vida elegante
A sr.^a Marquêza de Tancos

nito se haviam esquecido ha longos e monotonos menses. A capital começa a ter os aspectos risonhos de terra civilisada, que tanto encanto dão ás suas ruas, ás suas avenidas garridamente arborisadas. Já surgem caras alegres de pessôas conhecidas ás portas do Benard e do Marques. Param grupos elegantes junto das altas vitrines onde se ostentam as novidades da estação; e, de momento a momento, divisa-se na penumbra discreta dos automoveis de luxo, algumas dessas cabecitas de áve que passam como um relampago ante o nosso olhar deslumbrado, deixando-o depois vago e scismadôr!...

Lisbôa anima-se; inicia a sua vida de invérno. Como não ha S. Carlos, certos theatros conseguem, rotulando de *soirées* mundanas os seus cartazes, ver florir na sala em noites da moda, algumas das estranhas bellêsas insinuantes, cujos nomes os registros da alta elegancia fixam, como um attestado de bom tom, passado ao ponto de reunião onde refulgem. No *Gymnasio*, assim tem succedido; por egual no *Republica*, que é dêsde muito um logár de



Vida elegante
O sr. Marquêz de Tancos

predilecção para a alta roda; agóra o *Normal* vae tær a sua noite da moda, não querendo ficar excluido, como *rendez-vous* do mundanismo lisboêta.

Como é natural, aos primeiros indícios de movimento e de animação todos procuram desvendár os segrêdos do destino, perguntando o que será para a vida elegante a estação que começa.

O chronista que lhes escreve, amaveis e gentis leitores, n'esta fria e clara manhã de novembro, tão linda, tão risonha, que até chêga a parecêr impossivel que sob este ceu d'um azul tão puro onde refulge o sol vivificante, possam movêr-se e rastejar, a miséria e a torpêsa, o chronista que tem obrigação de lhe dár alguma novidade sensacional, vê-se ao fazer d'esta seriamente embaraçado de tal fórma o futuro sob o ponto de vista mundano, se lhe apresenta envolto n'um véo denso e mysterioso. Em todo o caso alguma cousa, e que é muito, consegue sabêr. Pelo que nos segrêda um mágo sabedôr de vidas alheias a estação vae ser muito mais movimentada do que julgam os bisonhos annunciadôres de coisas têttricas que por ahi andam assombrando os espiritos com a vulgarisação de boatos desoladôres sôbre o completo encerramento dos nossos salões. Ao contrário, parece que este anno, abrem algumas legações as suas portas para festas elegantes, por egual estando já em projecto outras festas, embora de caracter muito intimo em aristocraticos palacios que desde 1910 se conservavam alheias de todo o movimento social.

Como é natural, na sociedade mundana de Lisbôa, vão ficar bem extremádos os campos, a selecção em certos meios será rigorosa de maneira que através dos macissos de flôres e das galas decorativas, Dôna politica assestando o seu *lorgnon* de ouro cinze-



Vida elegante—O talentoso medico dr. D. Thomaz de Mello Breyner e sua esposa a sr.^a D. Sophia Burnay de Mello Breyner com os seus nove filhos.

lâdo para os recémvidos, não deixará de indagar curiosa e severamente:

— Quem vem lá?!...

Entre as festas que se anunciam para janeiro como um bom começo de anno, figura uma, que a realizar-se como se projecta deverá ficar registada nas chronicas elegantes, em termos de sêr considerada uma das mais notaveis manifestações de apurado gôsto artistico que possa assignalar a vida mundana de qualquer capital. Trata-se de reproduzir n'um dos mais conhecidos e brilhantes salões de Lisboa, em casa d'uma familia queridissima a todos os respeitos na nossa sociedade, alguns dos balcões amorosos que celebrisaram a inspiração romanlica de grandes poetas, de grandes literatos, de musicos eminentes. Assim, por exemplo, Julietta surgirá cheia de graça e de bellêsa, dizendo em estrophes musicas o seu romance de amôr; Roxane escutará embevecida as perturbadoras, as suggestivas palavras impregnadas de mysteriosa poesia de Cyrano; de modo que, ante o nosso olhar deslumbrado e por uma extraordinaria e poderosa evocação artistica será dada vida, movimento, côr e relevo, a algumas dessas suaves figuras, cuja criação esmaltou de indestructivel oiro paginas e paginas de obras literarias e poeticas, cuja leitura transmite aos corações onde habita o sentimento, uma deliciosa impressão de inefavel gôso.

Creio que a chronica já disse de mais; — foi talvez indiscreta... Pois não dirá mais nada!

Na sociedade de Lisboa o dr. D. Thomaz de Mello Breyner accumula escandalosamente, com os respectivos proventos de vivas sympathias, fortes dedicações e inalteraveis respeito, náda menos de tudo isto: fidalguia de raça, fidalguia de caracter, profundo sabér, alta intelligencia, superiôres qualidades de modelár chefe de familia e uma tal bondade sem exteriorisações espalhafatosas que não há maneira de se lhe arranjar um inimigo, n'um meio em que isso é tão facil, que por vêzes succede apparecer até... quem seja inimigo de si proprio!

Concordam que é muito para uma só individualidade... Mas é assim mesmo. Por isso o *Brasil-Portugal* prestando hoje esta homenagem a D. Thomaz de Mello Breyner, — o que vai sêr para este grande homem de bem, uma enorme e contrariada surpresa, aqui deixa o seu retrato na situação mais enternecedora para os espiritos affectivos; rodeado da sua queridissima familia, no góso plêno da verdadeira, da intensa, da pura felicidade!...

LUIZ TRIGUEIROS.

Os srs. marquêses de Tancos fixaram a sua residencia em Bruxellas. Muito queridos na alta sociedade em que tiveram sempre grande e justa evidencia, a sua falta é profundamente sentida, como é grande o desejo de os vêr de novo na sua patria.

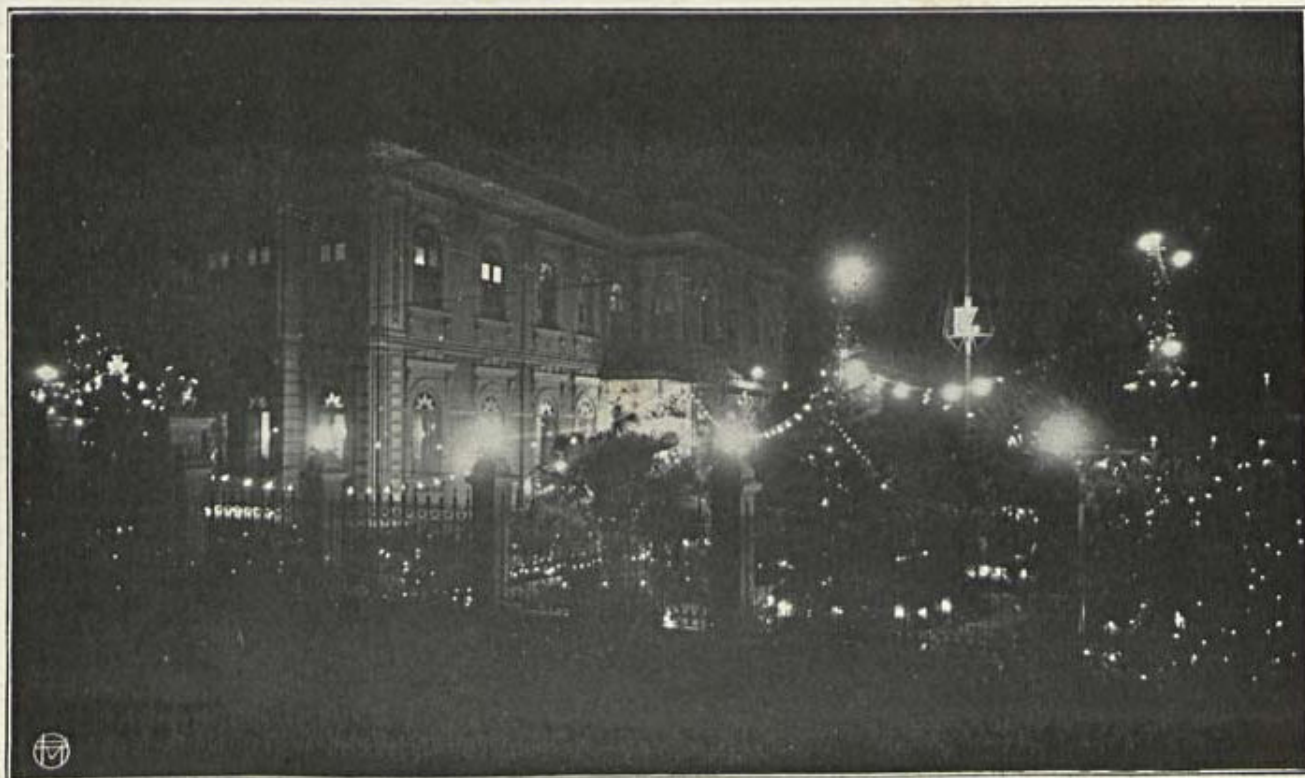
— Entre as gravuras que illustram hoje a nossa secção figuram duas relativas ao casamento na Bahia da sr.^a D. Leticia de Sousa Campos, filha gentilissima da sr.^a D. Leticia Fernandes Dias e do sr. José Joaquim Fernandes Dias, com o sr. dr. Vilobaldo de Sousa Campos. A cerimonia nupcial e as imponentes festas que se lhe seguiram, foram d'um raro esplendôr, deixando a toda a assistencia a impressáo d'um desses maravilhosos contos de fadas que povoam a imagináo dos poetas e das creanças, de aspectos imprevisos e soberbos de colorido. Desejamos que um tão refulgente começo de vida conjugal se perpetue como signal de risonha e perenne felicidade.

Quando os homens superiores se enganam, são superiores nisso como em tudo mais. Enganam-se muito mais do que os espiritos tacanhos e do que as intelligencias mediocres.

BARBEY D'AUREVILLY.



Vida elegante — Um casamento na Bahia — Os noivos: D. Leticia Dias de Sousa Campos e o dr. Vilobaldo de Sousa Campos.



Vida elegante — Um casamento na Bahia — O palacio do nosso compatriota sr. José Joaquim Fernandes Dias, pae da noiva, illuminado na noite do casamento

CARTAS DO RIO DE JANEIRO

Situação internacional A ORDEM DO DIA ?!

Só estes dois pontos: um de interrogação e outro de admiração, são capazes de exprimir a impressão dos observadores sobre os acontecimentos mundiaes de maior vulto no actual momento: a questão balkanica e a guerra italo-turca.

Se formos acompanhando como numa fita cinematographica todos os episodios, todas as phases, porque passou a guerra da Ita-



D. José de Canalejas

(Assassinado em Madrid a 12 de Novembro de 1912)

D. José Canalejas, que contava cincoenta e oito annos, era professor auxiliar da faculdade de philosophia e letras de Madrid, quando pela primeira vez, em 1881, foi eleito deputado. A sua acção parlamentar foi tão notavel que continuou sendo reeleito em todas as legislaturas. Em 1888 entrava pela primeira vez na organização do ministerio, sobraçando a pasta do fomento; em 1890 entrava para o ministerio da justiça; de 1894 a 1895 geriu a pasta das finanças. Actualmente era presidente do conselho, funções que pela primeira vez desempenhava. Durante a sua vida politica acompanhava sempre Sagasta, do qual se separou sómente quando se deu a cisão entre os sagastinos, constituindo então o partido democratico que chefiava. Como chefe dos democraticos tinha subido ao poder com o apoio de Moret e Montero de los Rios. No momento actual entregava se ao estudo do orçamento, que devia em breve ser discutido nas camaras. Esperava-se que terminada essa discussão se manifestaria a crise ministerial. A chefia do partido terá agora que ser discutida entre Montero de los Rios, Moret, Weyler, Romanones e o marquez de Alhucemas, mais conhecido sob o nome de Garcia Prieto. Canalejas affirmara os seus merecimentos como escriptor n'uma obra de largo folego que publicou sob o titulo de «Historia da literatura latina».

lia com a Turquia, tudo o que de imprevisito e phantastico está produzindo a questão dos Balkans, e se aos acontecimentos quizermos applicar a logica e o raciocinio

vulgares, chegaremos á conclusão de que o mundo é um manicómio e nós os seus habitantes.

Ver-nos-emos então forçados a tomar outro rumo, a pedir á «diplomacia» a explicação de tudo, a procurar nos mysterios das chancellarias as origens «ab initio», as causas efficientes dos acontecimentos que desde a declaração da guerra á Turquia se têm desdobrado até ao tratado de Ouchy.

Lembro-me de que quando o governo da Italia mandou á Sublime Porta o seu *ultimatum*, não foram geraes, foram até muito reduzidas as sympathias provocadas por esse *gesto*, não obstante o Turco não ser para a Europa culta *persona grata*.

E' que os tempos da conquista á mão armada já passaram, e a propria Italia, á qual os Abyssinios pouco antes haviam inflingido uma lição severa, attingia taes proporções de arrojo e incorria em responsabilidades de tal ordem, que uns por sentimentalismo, outros por orientação politica, condemnavam esse *ultimatum*.

A Turquia demora a resposta, rompem-se as hostilidades, começa a guerra, e no decurso della ha lances victoriosos para os Turcos. Espalha-se de quando em quando que a Italia se enganou redondamente, e que nunca esperava tanta resistencia, nunca suppuzera ter pela próa inimigo tão poderoso e aguerrido. Viu demonstrações brilhantes do patriotismo turco, e onde se não de-

frontou com o europeu teve pela frente, guerreiro, valente, destemido, sem amor á vida, épico, o arabe. A Italia jogou as ultimas, perdeu milhares de vidas, exgotou os cofres publicos, mas como era da ordem das coisas e estava nos designios do Destino, a Italia acabou por vencer, realizando o seu sonho de muitos annos, que consistia em augmentar com a Tripolitana e a Cyrenaica o territorio nacional.

Quando estavam ainda no seu inicio as negociações para a paz, a Turquia vê levantar-se na sua frente outro contendedor. Os Balkans que tinham tido tantas occasiões de mostrar á Europa e ao mundo as feridas com que lhe rasgava a carne a pata turca, exactamente como os mendigos mostram nas feiras e nas romarias, á beira da estrada, as suas chagas aos transeuntes, os Balkans escolhem o momento de ver tambem chagada e combalida a sua terrivel inimiga, juntam-se todos, tomando por divisa *A união faz a força*, e declaram a guerra á Turquia. Mas não está feita ainda a declaração e já a guerra começa. Intervêm as nações, põem-se em movimento as chancellarias, e pelos meios diplomaticos reclamam a paz. E' n'esta altura, exactamente quando as notas dos governos estão sendo entregues, quando tudo parece estar a preparar-se para evitar a lucta, que o mais comeseinho e humilde dos Estados Balkanicos, o Montenegro, inicia a guerra. Faz-se um espanto geral, e no meio do explicavel assombro causado por esse imprevisito rom-



A Senhora D. Maria Aldegundes

Condessa de Bardi

Cujos anniversarios passaram a 10 de novembro



Sua Magestade o Rei de Italia

Victor Manoel II

Cujos anniversarios passaram a 11 de novembro

pimento, que parece ser o mais anti-diplomatico e incorrecto, a Turquia recebe a nota das Potencias colligadas. A Austria-Hungria, a França, a Inglaterra, pedem-lhe que ponha em pratica as reformas promettidas ás provincias turcas européas, e ao mesmo

parentaram ficar fullas — perdõem o termo, mas é o melhor que encontro para o caso.

Emquanto se passavam estes factos mirabolantes, entra em scena a Servia, que vem tambem resolvida a molhar a sua sópa,

A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia



Em Constantinopla — *Typos diversos de recrutas turcos*

tempo a Bulgaria, a Servia, a Grecia, apresentam as suas reclamações.

A Turquia recolhe-se ao silencio e a imprensa turca espalha desde logo que são inaceitaveis essas reclamações por serem feitas em termos insolentes. A Turquia, em vez de attender as potencias plenipotenciarias, dizendo-lhes os motivos do seu agravo e da sua recusa, entendeu que o mais habil e correcto era recolher-se ao prudente silencio de Conrad. Ficou muda e as potencias ap-

parecendo comtudo, ás primeiras investidas, terem-lhe sahido furados os calculos.

Ora, por um d'estes azares, que no Destino das nações são frequentes, appareceram dias antes uns navios gregos, que, tambem por azar, traziam carregamento francez, e a Turquia aprisionou esses navios. E aqui tem ella outro cão de fila, a França, a procurar morder-lhe as canellas. A França é de todas as nações a que menos interesses tem nos Balkans, mas a França considera-se



A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia — *Em Constantinopla — Uma força de cavallaria.*

à última hora offendida, e é esse papel que está representando. Ella e a Inglaterra apoiam a Grecia nas suas reclamações para a entrega dos navios e do carregamento, e eis de subito uma questão nova, um novo conflicto, a surgir de um alçapão mysterioso.

Havia a questão italo-turca, a questão turco-balkanica, à última hora rebenta a questão dos navios hellenicos. A Grecia, que não morria de amores pela Turquia, ficou, como é de crêr, em ponto de rebuçado, e a França, que até aqui pouco mais revelava que indiferença, faz causa commum com a Inglaterra, mostra-se melindrada, e é o proprio governo francez que em nome da *civilisação*, vae procurar pôr um ponto final em tantas questões que

o seu dominio e sob a de outras nações, e estas, fortes e poderosas, cubicam de ha muito a totalidade do poderio. A sua religião, as suas investidas successivas contra a christandade, são outros tantos motivos de agravo sobre tudo para a parte da Europa onde impera o catholicismo.

O crescente ottomano é um insulto permanente à cruz de Christo.

Contendas com os seus vizinhos balkanicos têm suscitado mais de uma vez a intervenção européa, tratados com varias potencias têm sido celebrados no sentido de derimir essas contendas, assegurar a paz, e fiscalizar a execução das reformas e medidas a que a Turquia se obriga nas provincias que tem sob a sua jurisdicção.



A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia — Um comboio conduzindo tropas bulgaras para a fronteira.

se debatem, vae promover uma conferencia internacional, de que deve resultar ou a paz balkanica ou uma conflagração geral da Europa.

Estes são os factos, contados *à la diable*, rapidamente, porque todos pertencem ao dominio publico. A explicação d'elles, como eu os interpreto, é que me pertence só a mim, e para ella peço *brevet d'invention*.

Ora, é minha opinião que se não entrarmos pelos arcanos profundos da diplomacia européa, nunca chegaremos ao fim. E' lá que havemos de encontrar as causas primarias, a razão dos processos adoptados e as soluções finaes. Para mim, foram as chancellarias que empurraram a Italia para a Turquia. Foram as chancellarias que para a Turquia empurraram os Balkans. Foram ellas que carregaram de productos francezes os navios gregos e que pozeram esses navios nas aguas turcas como um chamaris para surtir o desejado effeito.

A Turquia, é na Europa e na Asia um paiz colossal, que affronta as grandes nações. E' um paiz rico que aguça as invejas. E' um paiz de costumes barbaros que justifica a invocação constante da palavra "*civilisação*" para ser combatido. Pertencem ao seu territorio vastissimo provincias que governa despoticamente e que a todo o momento procuram fugir à oppressiva subalternidade a que são condemnadas. Algumas d'ellas estão simultaneamente sob

Todos esses tratados são para ella letra morta, taes reformas nunca apparecem, e a parte da Europa que os firma fica ludibriada. Não serão, todas estas, razões de sobejo para darem força à interpretação, como eu a faço, dos acontecimentos que se estão desdobrando, e que não têm, não pôdem ter outras explicações dentro do criterio e da logica?

Nas suas combinações, não ostensivas, é claro, mas reconditas, invisiveis, as chancellarias condemnaram a Turquia não ao aniquilamento total, mas ao desmembramento, á impotencia. Começaram por incutir á Italia, no momento em que ella tinha um excedente de um milhão e oitocentos mil contos (nossa moeda) nas suas receitas, a vantagem de declarar a guerra á Turquia para se assenhorear de Tripoli e da Cyrenaica. A victoria seria a desforra da derrota soffrida na Abyssinia. Victor Manoel e Giolitti deixariam de responder ás aspirações do povo italiano se enveredassem por outro caminho.

Sangrada a Turquia, bem sangrada, bem combalida, facil era ás chancellarias aticarem contra ella, como a um cão de fila, os povos que mais a odiavam. Não era difficil tambem juntal-os, colligal-os, de todos fazer um, no mesmo impeto, na mesma senha guerreira, na mesma aspiração de desforra e de liberdade. O ataque, que n'outra altura, seria prematuro e arriscado, não tinha na actual senão probabilidades de triumpho. Ainda não feita a paz com a Italia, a guerra com os Balkans obrigaría a Turquia a uma tal mobilisação de forças militares, que impossivel se tornaria responder com exito aos ataques que partissem das fronteiras inimigas.

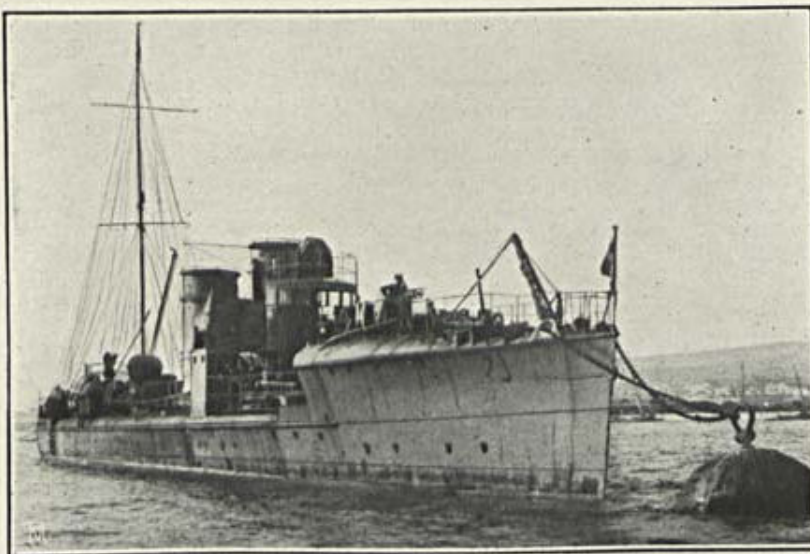
Ataçados os Balkans, preparados, aguerridos, promptos para entrar em lucta á primeira voz, com os principaes chefes dos seus Estados a tomarem as redeas do commando militar, é quando as chancellarias, erguendo-se na representação do seu papel á altura do Zaconi, da Duse, da Sarah Bernhardt, dos maiores artistas do mundo, se revelam as mensageiras da paz, as porta-estandartes da civilisação, e entram em scena. Aconselham então ostensivamente aos Balkans que se aquietem, que instem apenas pelas reformas prometidas, e que confiem na sua intervenção amistosa perante o governo turco. Ora, como para as chancellarias ha sempre o que se vê e o que se não vê, o que se diz e o que se não ouve, e como as entrelinhas são mais eloquentes do que todas as linhas, acontece esta coisa extraordinaria: a Turquia fica calada como um rato ao receber as notas das chancellarias. E quando o espanto produzido tocava o seu auge, é quando se sabe e divulga que as reclamações dos Estados balkanicos, sobre as quaes incidiam as notas das Embaixadas europeas, eram tão insolentes que nem resposta mereciam! Já por aqui se poderiam pôr de reserva as boas intenções das chancellarias que não podiam deixar de reconhecer os termos em que á Turquia se dirigiam os Estados, cuja causa ellas serviam e advogavam.

Sem que fossem ouvidas e achadas no assumpto, difficil seria comprehender tambem a attitudde de Montenegro, que sae da pista antes do toque da corneta, não se sabendo bem por emquanto se esse modestissimo Estado tambem apanhou ou não um empurrão-sito da Italia, amiga e parente, para entrar mais depressa, emquanto ella dava a ultima demão nas condições da paz.

Não deixou de vir a tempo e a talho de foice a historia dos navios gregos para facilitar á Inglaterra e á França uma manifestaçãozinha de hostilidade, uma attitudde demonstrativa de desapprovação aos actos da Turquia, e tão bem ensaiada foi pelas chancellarias toda esta peça monumental, que passa logicamente para o primeiro plano uma personagem que até aqui pouco mais era que um corista de scena: o Sr. Poincaré. E' o ministro francez dos Negocios Exteriores que vae propôr a conferencia das outras chancellarias para se entrar no accôrdo definitivo.

Chegou o momento afinal de todos verem o que daqui vae sahir. Para mim não ha duvida de que a Turquia tem os seus dias contados. A sua arrogancia não passa de uma ingenuidade. Os seus diplomatas vão no embulho. E' possivel que algumas nações se recuzem a entrar na colligação internacional contra ella. E' provavel que a Russia e a Austria, as mais interessadas nos Balkans, queiram jogar de fóra; não lh'o agradeça, porém, a Turquia, pois não é generosidade, mas egoismo essa abstenção que só tem um fim: prejudicial-a, diminui-a.

O momento da solução definitiva não tarda. E, ou ella seja um accordo diplomatico ou uma conflagração armada, não resta duvida de que será em todos os casos o desmembramento, a redução á impotencia, a derrota da Turquia. E quem triumpho não é a Italia, ou a Servia, ou a Bulgaria, ou o Montenegro ou a Grecia.



A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia — Um torpedeiro grego que esteve ha dias no Tejo, partindo depois para o oriente.

Neste xadrez da Europa a victoria pertencerá á diplomacia. Poincaré, Sozanoff, Giolitti, Eduardo Grey, são os que hão de ganhar a partida final.

Rio, Novembro, 1912.

JAYME VICTOR.

A artilharia portatil

Muito interessante o livro que o sr. Capitão J. Correia dos Santos acaba de publicar sobre as granadas de mão, que, pelos successivos aperfeiçoamentos que tem soffido, constituem uma verdadeira artilharia portatil, de que as guerras modernas teem sabido tirar efeitos de alto valor.

Muito se tem escripto sobre o assumpto, mas em revistas e outras publicações militares e com referencias mais ou menos restrictas ao material empregado n'um ou n'outro exercicio, n'uma ou n'outra acção militar.

O Sr. Correia dos Santos colligiu em um interessante volume de 126 paginas tudo quanto a tal respeito se encontra disperso, e documenta com exemplos frisantes, colhidos nas ultimas guerras russo-japoneza e outras, o alto valor das granadas de mão, especialmente nas ultimas phases de um assalto, tanto no ataque como na defeza de uma posição. Com ellas fóram pelos Japonezes tomadas importantes posições aos russos como a celebre colina 203; com ellas se defenderam estes ultimos no cerco de Porto Arthur, e com tal efficacia que, no dizer de um official russo, de engenharia, «sem as granadas de mão não haveria meio da praça resistir até Janeiro de 1905.»



A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia — O commandante e o immediato do torpedeiro grego que esteve no Tejo.

Como estes, muitos outros exemplos o sr. capitão Santos cita no seu livro, que mais interessante se torna pela inserção de muitas gravuras, representando os granadeiros das diferentes epochas, a começar nos granadeiros francezes em 1667, e as varias modificações que as granadas teem soffido desde o seculo XVI até á actualidade, desde a simples granada de ferro, em forma oval, carregada com polvora, explodindo por meio de uma mecha, e lançada á mão, até ás mais aperfeiçoadas, com espoletas de percussão, carregadas com substancias altamente detonantes, e lançadas por meio de espingardas apropriadas, a grandes distancias.

Não nos permitindo a indole d'esta revista referencia mais minuciosa e circumstanciada a quanto de interessante trata o livro do sr. capitão Santos, não queremos, comtudo, deixar de indicar os titulos dos diferentes capitulos em que está subdividido, e por elles ajuizarão os nossos leitores do interesse que o livro desperta, não só aos profissionaes na carreira das armas, mas a todos a quem os assumptos militares interessam.

São elles :

- I — Breve noticia historica.
- II — Granadas de espingarda.
- III — Emprego das granadas na época contemporanea.
- IV — Granadas modernas de mão e de espingarda.
- V — Emprego das granadas. Como tem sido estudado em diferentes exercitos.
- VI — Effeitos dos projecteis e explosivos empregados.
- VII — Emprego tactico das granadas de mão e de espingarda.

Ao illustrado official os nossos agradecimentos pelo exemplar offerecido.



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XVI

DUAS RELIQUIAS

TEM estado agora muito em discussão as figuras politicas do primeiro presidente do conselho que teve o reinado do Senhor Dom Manoel, e do ultimo chefe do governo da Monarchia.

Os cem dias funestos, de Joaquim Leitão, trouxeram mais uma vez para a critica publica o sr. Teixeira de Souza; e o patriotismo um pouco tardio e já bastante cachetico do sr. Ferreira do Amaral com a sua propaganda em favor d'uma *cedula imposto*, collocam n'este momento o antigo Par do Reino, em foco, na politica portugueza.

A mais rudimentar logica do bom senso deveria ter aconselhado tanto a um como a outro, um completo alheamento de tudo que tivesse relações com a *Grande Porca Nacional* de que elles — por imagem, é claro — tinham sido bem alimentados bacorinhos, nos tempos *ominosos* em que haviam sido feitos Grã-Cruzes e Presidentes do Conselho.

Já com tão grande marcha percorrida na estrada da vida, outros com menos responsabilidades não teriam hesitado entre o canto confortavel no carinho da familia, e as agitadas luctas do campo politico.

Que diacho! — quanto mais não fosse, cada vez que olhassem para um espelho e vissem os rostos enrugados e os cabellos a branquearem-lhe as frentes, deviam lembrar-se que tinham envelhecido no *passado*! Deviam recordar-se que as enxadadas que se ouvem de momento a momento, são vibradas pela destruição demagoga contra a sua propria obra; contra elles mesmos, porque o 5 d'outubro não aniquilou uma formula politica — o que era impossivel — mas metralhou as escoras dessa formula. Se não fossem os maus monarchicos ninguem podia dizer que a monarchia era má. Eram portanto elles, Grã-Cruzes e Conselheiros, Ministros e Chefes de partidos, carne gangrenosa da immensa chaga politica, que as balas da Rotunda queriam cauterisar.

Por pudor, ao menos, por vergonha da bandeira á sombra de que tinham crescido, de que se tinham engrandecido de pygmeus ás culminancias de notaveis, e que hoje tem que cuspir como *farrapo infamante, insignia de latrocínio, estandarte de traidores!*

Mas não.

Seguiram impavidos, lepidos e fresquinhos, como se tivessem sahido d'um berço immaculado!...

Terão agora que cuspir sobre o *farrapo dos traidores*, se quiserem ser grandes; e elles querem ser grandes porque pulam e mexem com desenvoltura irrequieta, de quem está com pressa não arrefeça o caldo,...

Será demencia?

E enquanto o primeiro e o ultimo presidente do conselho do reinado do Senhor Dom Manoel, cada um por maneira diversa, se

vão enfileirando nas hostes mais radicaes do partido republicano — valentes saltadores! — centos de anonymos que nada eram no antigo regimen, que nunca tiveram crachás a adornar-lhes os peitos nem libras luzentes a afagar-lhes os bolsos; que não foram conselheiros; que não possuiram arminhos de Par; que não tiveram commissariados regios, nem cordões honorificos, nem titulos, estão nas masmorras da democracia soffrendo pela fé das suas convicções e pela altivez do seu caracter. E esses centos d'homens que sabem que a fome lhes entrou em casa, e que vêem o lar despedaçado pelas lagrimas e torturas, estão onde sempre estiveram. Não se rendem pelo martyrio, não se rendem pela barriga!

Esses centos d'anonymos que não tinham entrada no Paço e que nas grandes solemnidades formavam nas ruas as alas ignoradas da multidão, por onde passavam brilhando nos dourados das suas fardas ricas, os magestosos conselheiros Ferreira do Amaral e Teixeira de Souza, não vendem as suas convicções — perdem os seus logares. E nem ao menos temem para mitigar a fome dos filhos uma Cruz de Christo cravejada de safiras ou uma Torre e Espada ornada de brilhantes que ponham no *prego!*...

Que insignificantes!...

Ainda é cedo para se fazer a historia contemporanea. Quasi todas as figuras principaes da scena politica estão vivas e com as suas *colteries* mais ou menos intactas, em pé de guerra. Não é portanto ainda a hora para julgar com serena imparcialidade dos homens e dos factos, mas é tempo de se irem reunindo depoimentos que habilitem a sentença final.

O grande tribunal tem que se ir preparando para a longa audiencia. Muito extenso é o rol das testemunhas que tem que depôr e immensos os reus a julgar. O periodo que deve merecer maior cuidado vem de 1900, mas não convem esquecer os antecedentes como factores illucidativos de grande importancia.

O rotativismo teve a sua epocha, e a experiencia desastrosa que resultou, podia ter redundado em proveitosa garantia se menos ambição orientasse os homens.

Ambição de lucros e ambição de honrarias — os dois maiores conspiradores que teve a Monarchia; os mais venenosos elementos que intoxicaram o caracter nacional, provocando a grande crise moral, fonte de todas as outras crises.

E como o mal não existia no regimen porque estes não possuem virtudes nem vicios naturaes, mas sim estava e continúa estando na massa do sangue dos politicos, o defeito subsiste porque as revoluções são simples desabafos e nunca remedios efficazes.

Não será suprema ingenuidade julgar que um laxante cure um cancro? Que um pouco d'arnica sare chaga gangrenosa?

O mal do paiz é mais profundo. Começa tendo raizes na educação da familia, onde o menino aos 12 annos discute, fumando os artigos de fundo, e agrava-se na escola onde se esboçam as associações secretas e tramam os primeiros movimentos grevistas. Depois, continuam medrando sempre na vida pratica.

E se mau era o caminho, pessimo se tem tornado.

Hoje o professor tem que ser jacobino, e quanto mais rubro melhor. Não se lhe pede uma severa conducta e um substancioso saber; exige-se-lhe uma filiação politica. Não se investiga se sabe ensinar; pergunta-se-lhe se sabe cantar... a *Sementeira!*...

O que serão os homens d'amanhã ensinados assim, tendo por cartilha os mais vermelhos principios da demagogia, sem Deus e sem culto da familia, não sabemos. Ninguem mesmo o sabe.

Mas é de agourar mal. E' mesmo de prevêr, com os males herdados, com os vicios agravados, com a desorientação progressiva, com a anarchia latente, com os demagogos imperando, com a fé escarnecida, que retrocedamos á primitiva fórma selvagem!

Uma immensa *manga*, talvez, com o Supremo Pagode no largo de S. Carlos, tendo a ornar-lhe a entrada as duas Venerandas Reliquias, — symbolos do descalabro passado, do cachetismo presente e da fallencia futura.

Está ali a grande escola e o grande tumulo — e a peça principal do processo para o julgamento da Historia.

CRISPIM.

Então deram-te duas formidaveis bofetadas, hein?

— E' verdade, deram.

— E o lance teve consequencias sérias, está bem visto?

— Teve: andei com a cara inchada mais de quinze dias.

O theatro romano de Merida ⁽¹⁾

No anno 729 da fundação de Roma, tendo terminado a guerra Cantabrica, o imperador Octavio Augusto desejando recompensar os soldados *emeritos*, os que mais se distinguiram das legiões 5.^a e 10.^a, deu-lhes terras e meios de colonisação, fundando, nas margens do Anas, uma cidade, que, em honra do imperador e dos soldados, se ficou chamando Emerita Augusta, a qual se desenvolveu tão rapidamente que Prudencio, Marcial e outros poetas, a ella se referem comparando-a com a cidade de Roma.

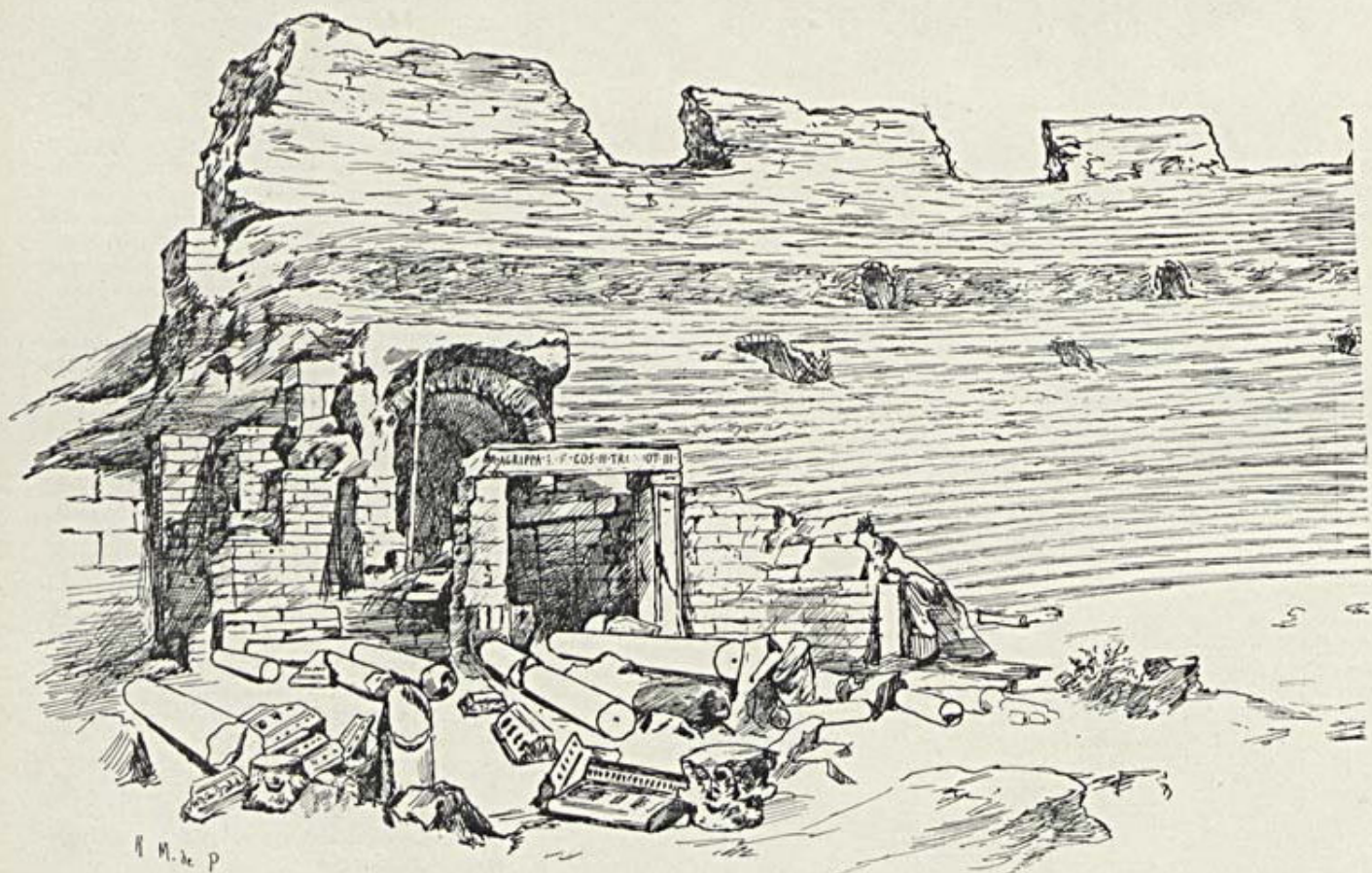
Não nos deteremos a analysar as descripções que, entre outros, fazem da antiga Emerita, hoje Merida, a *Chronica del rey*

tudo isto attesta sem duvida a passada grandeza da antiga cidade e justifica a phrase do mouro Rasis quando afirmou que — *não ha homem no mundo que detalhadamente possa contar as maravilhas de Merida.*

Entretanto, hoje quem vê as suas campinas cujas arvores de fructo foram celebradas por Plinio e Pomponio Mela, mal pôde adivinhar aquella Emerita que no tempo de Trajano chegou a ser o emporio da civilisação. A grandeza das suas ruínas, que é a unica cousa que interessa, mais faz resaltar a pequenez das modernas construcções e o silencio das suas ruas quasi desertas.

Ha cerca de trez annos começaram a fazer-se excavações no famoso theatro romano cujas ruínas, de grande importancia artistica e archeologica, visitei ha pouco em companhia do Ex.^{mo} Sr.

Ruínas do theatro romano de Merida



Um aspecto das ruínas

D. Rodrigo e a do sarraceno Abulcachim-Tarif Aben-Tarik. O que ainda hoje resta da antiga cidade romana, como por exemplo as columnas do Templo de Diana, hoje casa do «Conde de los Corbos», as ruínas do templo de Marte, que formam o chamado «Horno de Santa Eulalia», a magnifica ponte de pedra sobre o Guadiana, o Circo, as ruínas do Aqueducto chamadas «Los Milagros», o arco de Trajano, o aqueducto de S. Lazaro, o theatro e outros monumentos cujos vestigios se teem perdido e estão n'este caso os templos levantados á deusa Fortuna, a Jupiter, e a Cesar Augusto,

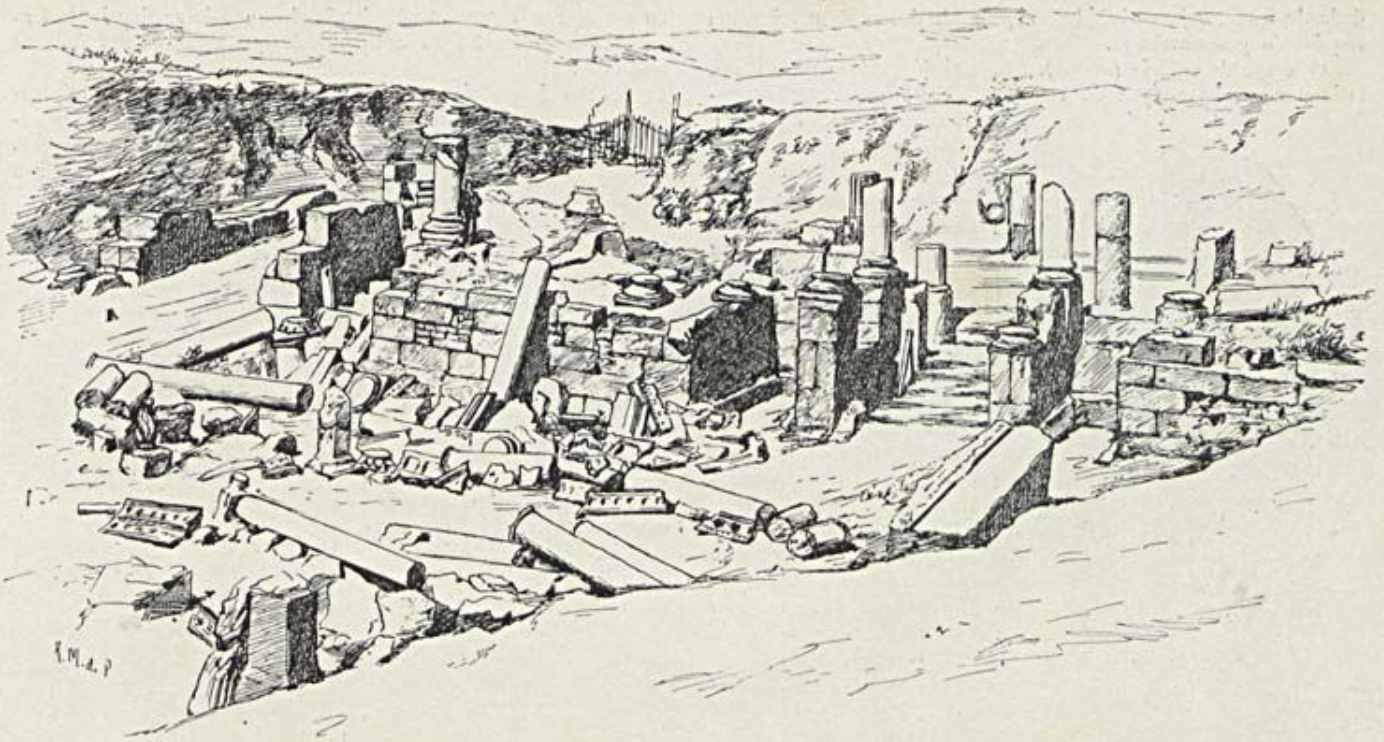
(1) As gravuras que illustram este artigo são copia de desenhos feitos á penna expressamente para esta Revista, pelo nosso amigo D. Ramon de Pinillos, a quem agradecemos a gentileza da sua offerta.

D. Ramon de Pinillos é um artista deveras notavel que os nossos leitores já conhecem pelos seus desenhos que mais de uma vez teem illustrado as paginas do *Brasil-Portugal*.

D. José Ramon Melida, da Real Academia de Historia, que me honra com a sua amizade e que foi o iniciador d'esses trabalhos que desde essa data dirige.

O viajante que até então sahia de Merida pelo lado do sul, avistava n'um semi-circulo de degraus sete grandes moles de argamassa, que appareceram em 1603, quando se arrancaram as pedras para reparar a ponte sobre o Guadiana. Essas sete moles constituíam seis porticos, e da disposição do edificio em 7 partes nasceu o nome *Las siete sillas* que vulgarmente dão ao sitio.

Hoje o espectáculo que se offerece á nossa vista é muito differente. Vêem-se pelo chão grandes columnas e outras apenas sahem, em parte, da terra. Tres d'essas columnas estão inteiras, sendo o seu comprimento medio de 4 a 5 metros e o seu diametro de 0^m,65 na base. Ha uma columna que tem 6 metros de altura, mas está partida. Mais de 40 bases de columnas e uns 30



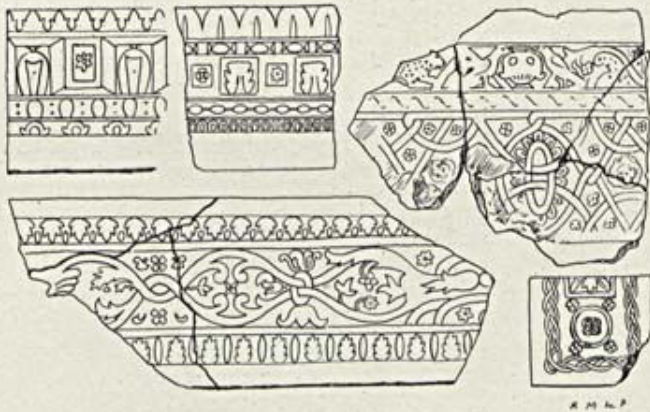
Ruínas do theatro romano de Merida — Parte esquerda do scenario — Entrada central

capiteis, corinthios e compostos, quasi todos em perfeito estado, foram já desenterrados.

A profundidade das excavações é de 8 1/2 metros e no corte da terra divisa-se grande quantidade de fragmentos de vasilhas e restos humanos. Também se teem encontrado pedaços de estatuas, algumas de grandes proporções.

A bella estatua de Ceres e a de Agrippa, esta ultima mutilada, estão já no museu de Merida.

Encontrou-se tambem o tronco d'um guerreiro vestindo uma lorica magnificamente esculpida, um altar que de certo figurava no centro da orchestra, um jarrão com golfinhos, fragmentos de cousas varias, chamando em especial a attenção a grande quanti-



Ruínas do theatro romano de Merida — Modelos de ornamentação

São muitos curiosos os restos d'uma estatua que representava uma Venus, da qual apenas resta um dos pés e ao seu lado um golfinho com uma concha na bocca e sobre o qual se vê o pé de um menino que n'elle cavalgava.



Ruínas do theatro romano de Merida — Um capitel



Ruínas do theatro romano de Merida — A estatua de Ceres, actualmente no museu de Merida

dade de frisos, cuja variedade e riqueza de decoração revelam um requintado gosto artístico.

O corpo do edificio (*cavea*), que está já posto a descoberto, atinge uma altura total de 16^m,5 e é formado por grande numero de degraus (*gradus*), vendo-se entre elles as portas (*vomitoria*) pelas quaes o publico entrava para occupar os seus logares.

Na parte baixa da *cavea* está a *orchestra*, tambem já posta a descoberto, a qual forma uma perfeita semi-circumferencia e em cujos logares reservados se sentavam os magistrados e as pessoas de distincção, em vez de servirem, como na orchestra grega, para os musicos e coros.

Dois grandes portas, que vão desde os corredores até á *orchestra* (veja-se a gravura), estão collocadas uma em

frente da outra, sendo a de traz formada por um grande arco e a da frente mais pequena, formada por duas columnas unidas por uma pedra horizontal na qual se lê a inscripção seguinte:

M. AGRIPPA. L. F. COS. III. TRIB. POT. III

o que quer dizer *Marco Agrippa, Lucio Filio, consul III, tribuno potestatis III* ou seja — Marco Agrippa, filho de Lucio, consul pela terceira vez, com a potestade tribunicia pela terceira vez. Inscripção semelhante se encontra em Roma no *pantheon* de Agrippa.

Correspondendo o consulado de Agrippa ao anno 727 da fundação de Roma, a este anno, ou seja ao anno 27 antes de Christo, se deve attribuir a construcção do theatro romano de Merida.

Na occasião em que visitei as excavações, o lado direito do scenario ainda não estava todo descoberto, mas como já estava livre a parte direita e a central, conseguí formar uma idéa muito completa do que era este scenario, cujas tres entradas com pequenas habitações lateraes são semelhantes ás do grande theatro de Pompeia.

Na parte dianteira vêem-se os restos d'um pequeno muro (*pulpitum*) no qual estava collocada uma cortina que se enrolava n'um cylindro e que

ao começar a representação descia, levantando-se depois de terminar o espectáculo, ao contrario do que succede nos theatros modernos.

Detraz do *pulpitum* está o scenario propriamente dito (*proscenium*) com todas as suas dependencias, cujos nomes não são conhecidos ao certo. Grande quantidade de columnas separavam estas dependencias que, ornamentadas com estatuas, se estendiam dos dois lados, communicando com os corredores.

A impressão que se sente ao contemplar estas obras romanas é de grandeza, dando-nos a idéa de que foram construidas por um povo de gigantes.

Grandes nas suas virtudes e nos seus crimes, os romanos apresentam-nos homens de tanta elevação moral como Cornelio Rufo, Ticio Ariston, Trebonio Rufino, Agricola e Helvidio, imperadores como Antonino e Marco Aurelio, mulheres como Octavia, Plotina e Marcia, aquella celebre Pomponia Grecino que a tão alto grau levou a amizade e cuja vida, como diz Duruy, foi um mysterio triste e interessante, e ainda a corajosa Arria, mulher de Cecina Peto, que pôde ser adoptada como modelo de esposas em todas as epochas.

Por outro lado quantas barbaridades descobrimos na historia de Roma! Nações inteiras saqueadas, cujos habitantes eram convertidos em escravos, iam divertir no circo um povo cheio de ferocidade! Uma vez, esses escravos morriam nos colyseus, outras eram condemnados a horribes trabalhos a que não resistiam muito tempo. Vertia-se sangue por prazer e a morte só por si não bastava quando não era precedida d'um soffrimento intenso.

O proprio theatro chegou a não emocionar senão quando o espectáculo terminava com a morte de al-

gum dos actores. Os escravos e os condemnados eram imolados em scena. Laureolo, ligado a uma cruz, foi abandonado aos leões; n'uma representação do *Orfeo* o actor foi despedaçado por um urso (Durny, Historia dos Romanos, cap. LXXXVI.) Outras vezes eram queimados vivos como acontecia na representação do *Hercules Moribundo*. «Eu creio, diz



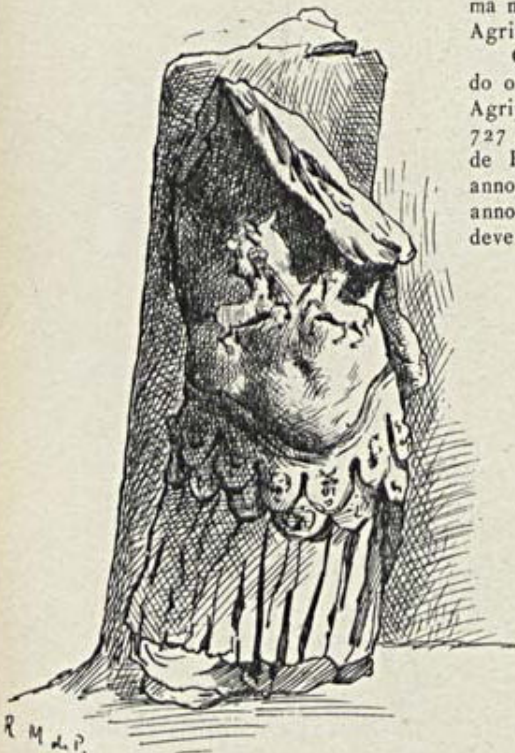
Ruínas do theatro romano de Merida — Estatua de Agrippa que está actualmente no museu de Merida



Ruínas do theatro romano de Merida — Jarrão ornamentado com golfinhos



Ruínas do theatro romano de Merida — Um dos extremos dos assentos da orchestra



Ruínas do theatro romano de Merida — Tronco d'um guerreiro vestindo lorica



Ruínas do theatro romano de Merida — Detalhe da lorica

Plauto (Rudens V) que os escravos são filhos da alegria, porque toda a gente se ri do mal que lhes succede...»

Posto o sol voltei a contemplar mais uma vez o magnifico edificio que, sepultado durante 17 seculos, está sendo posto a descoberto pela sciencia e pela arte.

Cada pedra volta ao seu lugar, as columnas recobram a sua posição vertical, pouco a pouco a terra extrahida vae deixando livre o grande scenario, devendo, talvez, quando tudo estiver concluido, reviver para nós essa vida romana em cujas personagens reconheceremos outras tantas que temos encontrado na sociedade moderna. Panfilo o namorado, Euclion o avaro, o astuto Estrofilo, Filomena zangando-se com a sogra, os fanfarrões junto ao templo de Cloacina, os adulares tão bem descriptos por Marcial, o engraçado, o *derisor* que não podia viver senão fazendo rir, a rapariga coquette, o sabio pedante, o namorado de si mesmo... emfim todo o ridiculo da sociedade romana voltará á scena ao lado dos grandes caracteres da tragedia grega. Uma só cousa faltará n'estas representações modernas — os espectadores do seculo XX não verão as pedras do proscenio manchadas de sangue nem poderão contemplar os corpos enegrecidos dos sacrificados retorcendo-se no meio das chammas. Assim, as comedias de Plauto e Trencio, as tragedias de Euripides e de Sofocles, refundidas pelo trabalho progressivo de tantas gerações, chegarão até nós despojadas de tudo quanto representa crueldade e transmittindo-nos apenas a sua arte e os seus ensinamentos.

RAMON MARTINEZ DE PINILLOS.

Uma cantora pergunta ao seu medico:

— E' verdade, doutor, que os ovos abrem a voz e facilitam a sua emissão?

— Por certo, minha cara; repare nas gallinhas: assim que põem o ovo começam a cantar!

THEATRO DA REPUBLICA



Oactor Bração no papel de Cardeal do Merance da peça «Primerose»

E' pelos labios da mulher que passa o sopro de Deus.

B. CONSTANT.

As mulheres são fracas, porque são sustentadas apenas pelo coração.

PYTHÁGORAS.

THEATROS

THEATRO DO GYMNASIO — A Menina do Chocolate



Scena final do 4.º acto

THEATRO DA AVENIDA — A Família Polaca



Acto 3.º

THEATROS

Chronicas theatraes

Gymnasio. — *A menina do chocolate*, comedia em 4 actos de Paul Gavault, traducção de Mello Barreto.

Republica. — *Reprise da «Primerose»*, de Flers e Caillavet.

Nacional. — Abertura da temporada: *Reprise da comedia Os velhos*, de D. João da Camara.

A empresa do **Gymnasio Dramatico** teve uma feliz inspiração quando resolveu pôr em scena *La Petite Chocolatière*. Comedia de Gavault, o scintillante author de *Madame Flirt* e de *M.elle*

Josette ma femme, traducção cuidada e primorosa de Mello Barretto e encenação meticolosa de Lucinda Simões, são trez factores que de antemão asseguravam indiscutivel successo á nova peça franceza. E assim foi, concorrendo, em grande parte, para o completo exito o excellente desempenho que a deliciosa comedia obteve.

Quanto ao merito da *Petite Chocolatière* nada temos a accrescentar ao muito que ácerca d'ella já se tem escripto, bastando consignar que os seus credits estão de ha muito firmados não só em França, como em Italia. Entre nós tambem já é conhecida, pois, além de ter sido exhibida no palco do *Republica* pela companhia de Magnier, ainda ha dias o foi tambem por Mimi Aguglia. O que nunca é demasiado accentuar é que a comedia de Gavault, sendo supinamente espiituosa, não possui a mais leve escabrosidade.

THEATRO DA TRINDADE — A Mulher Moderna



Acto 3.º

Alguns dos principaes interpretes da companhia Gomes & Grijó



Elsy Rubini
Soprano lyrico



Mercedes Berenguer
Soprano ligeiro

Pssemos, pois, ao desempenho. N'este ha a especialisar trez artistas: Adelia Pereira, Pato Moniz e Mendonça de Carvalho, que do Nacional transitaram agora para o *Gymnasio*.

Teve as honras da noite Mendonça de Carvalho, que no Normal, afastado sempre para plano secundario, nunca teve ensejo de evidenciar-se, o que conseguiu n'esta peca, mercê de um trabalho

conseguiram valorisar o trabalho dos seus antecessores.

Assistiu o chefe do Estado e a enchente era completa.

Nacional.—Em recita de gala, commemorativa da reabertura do parlamento e com a assistencia do chefe do Estado, ministerio, corpo diplomatico e principaes auctoridades civis e militares, realizou-se no dia 12 do corrente a inauguração da nova epoca theatral.

consciencioso e de processos naturalistas. Encarna na perfeição a personagem semi-apagada do burocrata Paulo Normand, especialmente na scena do almoço, na repartição, soberbamente observada e pormenorizada. É uma verdadeira criação.

Adelia Pereira esforça-se em dar a interpretação devida ao papel da caprichosa millionaria, para o que não lhe faltam bellos dotes physicos, mas devido á sua peculiar idiosyncracia não consegue completamente encarnar a azougada Suzanna Lapistolle. Resgata, porém, esse *senão* com o seu contrascenar perfeitissimo com Mendonça de Carvalho, e o publico assim o entendeu, porque sublinhou o seu trabalho com justos applausos.

Alda Aguiar, Pato Moniz e Alegrim excellentemente. Telmo n'um papel central de chefe de repartição, soberbamente caracterizado. Mario Duarte continua a revelar invejaveis apti-



Maestro Antonio Gomes

Bem andou a sociedade artistica, que rege o Normal, inaugurando a nova serie dos seus espectaculos com a resurreição de uma das mais bellas e genuinas peças portuguezas—*Os Velhos*, do mallogrado e grande dramaturgo D. João da Camara.

Dos artisticos programmas, distribuidos gratuitamente aos espectadores, não resistimos ao prazer de transcrever essa meia duzia de linhas, que encerram a synthese da adoravel peça de D. João da Camara:—*Os Velhos*, ecloga dramatisada por esse poeta illustre a quem o theatro portuguez deve obras de inestimavel valor. Nas personagens da peça que hoje se representa perpassa uma atmosphera de candura e honestidade, que era uma caracteristica do notavel escriptor. Almas boas e simples, de uma ingenuidade infantil, aquecidas pelo bello sol de Portugal, as personagens



Antonio Garcia
Tenor dramatico

dões, embora conserve ainda alguns defeitos adquiridos em palcos particulares e que o tirocinio da scena ha de corrigir.

De bello effeito o scenario de Reis e Mergulhão.

Mello Barreto, Lucinda Simões e os principaes interpretes da brilhante e deliciosa comedia de Gavault tiveram chamadas especiaes, sendo vibrantemente ovacionados no final dos actos.

Republica.—Realizou-se no dia 7 do corrente a inauguração da nova temporada da companhia portugueza, com a *reprise* de *Primrose*, a interessante comedia de Flers e Cailavet, a qual na epoca passada obtivera franco agrado.

Agora houve tres substituições nos papeis, primitivamente creados por Leonor de Faria, Aura Abranches e Alexandre Azevedo, sendo, respectivamente, substituidos por Judith de Mello, que transitou do *Gymnasio* para este palco, Jesuina Saraiva e Carlos de Oliveira.

As *doublures* são sempre perigosas e forçam o espectador ao confronto; e d'este, apenas se salva a conscienciosa e intelligente artista Jesuina Saraiva, na *irmã Donata*, pois que Judith de Mello e Carlos de Oliveira, em papeis delicadissimos e tão subtilmente emotivos, só

dos *Velhos* são tipos colhidos em flagrante pela observação intelligente de um grande homem de theatro e retocadas pelo lyrismo dulcissimo de um notabilissimo poeta.

Da interpretação dos *Velhos*, confiada a Joaquim Costa, Augusto de Mello, Ignacio Peixoto, Pinheiro e Carlos Santos e ás actrizes Lucinda do Carmo, Laura Cruz, Maria Pia e Izabel Bernardi, diremos apenas que foi muito homogenea, valorizando sobremaneira o honesto trabalho de D. João da Camara. Todos os interpretes foram muito applaudidos, sendo o chefe do Estado o primeiro a dar o exemplo d'essa manifestação de agrado.

Entre os assistentes notavam-se os srs. presidente do ministerio, ministros da guerra, estrangeiros e fomento, presidente do Senado e da Camara dos Deputados, vereação municipal de Lisboa, encarregado de negocios da Austria e esposa, ministros da Allemanha e esposa, da França, Russia, Belgica, Italia, Hollanda, Brasil, Argentina e Nicaragua, encarregados de negocios da França, do Uruguay, de Guatemala, do Mexico e da China, familias dos ministros do fomento, dos estrangeiros, guerra e colonias, dr. Alfredo da Cunha e familia, Alfredo

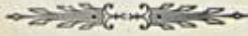


Ignacio Genovez
Tenor lyrico

Teixeira Bastos, esposa e sobrinha D. Maria Jacintha Teixeira Bastos, Mademoiselle Augusto de Castro, D. Maria Lobato e filhas, Agostinho Fortes e familia, Hygino de Mendonça e familia, comandante da guarda republicana e familia, dr. Sotto Mayor, Antonio Bandeira, dr. Lino Ferreira e familia, Adães Bermudes, engenheiros Gaya e Pinto Camello, dr. Penalva de Castro, etc.

A recita de gala fóra annunciada e todos sabiam que o Presidente da Republica, governo, camaras e demais elementos officiaes a ella assistiriam. Pois na platéa viam-se muitas rabonas e *cheviottes* claros, chapéus de cór, etc., porque os demagagos julgam que o apuro de *toilette*, mesmo quando as exigencias do protocollo assim o determinam, é apenas apanagio de *thalassas*. E é gente com tal illustração e grosseiro criterio, que presentemente dá leis e se impõe aos altos poderes do Estado n'este malfadado Portugal!

Ferreira Mendes.



Apollo — O *Sonho Dourado*, peça phantastica em 3 actos e 15 quadros, original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, musica do maestro Filippe Duarte.

Se bem que no nosso meio, não sejam as peças apelladas de *phantasticas*, ou tambem de *viagens*, as que melhor logram agradar ao publico, o que é certo é que, talvez pelo pouco cultivado que entre nós está o genero, alguma que aparece é sempre acolhida senão com enthusiasmo, como se dá nas revistas do anno, pelo menos com agrado, e o publico, pela quasi novidade, lá vae salvando o emprezario do risco dos capitães despendidos em scenario, guarda-roupa, exuberante sempre e vistoso, nas complicações de machinismo que muitas vezes obrigam a transformações radicaes nos palcos, e tambem os auctores, que antevêm n'estas peças mais do que em nenhuma outra o perigo sempre eminente de se enfiarem pelo buraco do ponto.

Assim o *Sonho Dourado* em scena no **Apollo**, obra de trez nomes conhecidos em theatro, reputações de revisteiros e comediographos firmadas, que o publico de ha muito consagrou no genero, conseguiu ter um excellento acolhimento, não só devido ao seu merecimento litterario, que o tem, indiscutivelmente, e á belleza da musica, onde o dedo de Filippe Duarte se advinha aos primeiros acordes, mas tambem á riqueza do scenario, á magnificencia do guarda-roupa, e ainda á excellento encenação, prodigioso trabalho de Pedro Cabral, que dentro de um relativamente, pequeno palco conseguiu fazer maravilhas de movimentação. Já o apreciámos na *Venus*, ha annos representada no *Republica*, e affirmamos que depois d'esta é a primeira peça que vimos com tanto rigor e propriedade.

No *Sonho Dourado*, como nos sonhos verdadeiros, ha bom e mau: *genios* excellentes, ideaes, com tão bons principios que dariam optimos ministros e fariam melhor figura nas camaras que muito boa gente que nós conhecemos; ha outros de uma ruindade, que põem em sobresaltos as burquezinhas romanticas, receosas que o seu poder infernal vá derruir o castello de sonhos da fada gentil, de boa plastica quasi sempre — e aqui dá certo, porquanto esse papel sympathico coube a Georgina Gonçalves.

O mais são figuras de satyra: Inveja, Preguiça, etc., etc., e não ha duvida que tudo aquillo dá um excellento cosinhado que, para ficar um optimo *pitau*, até dispensava aquella dóse de malagueta, que a espaços nos apparece, e que embora em pequena parcella, escalda que tem bicho. — Mas seja em desconto dos peccados d'elles, que têm de agradar a todos. Os *picantes* ainda hoje têm muita aceitação; que querem... — o pimento é verde e a malagueta encarnada... — mas vamos nós ao resto, que no presente caso vem a ser o desempenho: de especialisar não temos; todos trabalharam com acerto e seguros do seu trabalho, e assim o publico palmeou em cheio Nascimento Fernandes, Roldão, Gentil, Pedro Machado, Georgina, Lina Sant'Anna, Alice Benavente, bem como os demais. E se agora accrescentarmos que o scenario se deve aos pinceis de Augusto Pina, Luiz Salvador e José Viegas, temos dito sobre o assumpto.

Colyseu dos Recreios. — Atrahentissimos os espectaculos realizados ultimamente no *Colyseu*, succedendo-se as novidades, tendo ultimamente havido uma estreia sensacional — o famoso dirigivel *Jupiter*, apresentado pelo engenheiro allemão Otto Heidmuller, numero que devido a um pequeno desarranjo no aparelho, só d'aqui a algum tempo poderá continuar a ser exhibido. Para breve temos novas estreias, continuando a obter successo os acrobatas *Boston Brothers*, equilibristas *Troupe Chinezã*, o hilariante *Walter*, mademoiselle *Zor Trouzzi*, os *Borsinis* e todos os demais artistas.

Ruy.

Noticias e reclamos

Trindade — Com a excellento operetta *Mulher Moderna* despediu-se do publico da capital a companhia Gomes & Grijó que durante dois mezes esteve trabalhando na **Trindade**, fazendo representar as *Manobras do Outomno*, *Dama Roxa*, etc., etc., todas com grande exito, não só devido á qualidade do repertorio, como á excellento interpretação dos artistas, de parte dos quaes aqui publicamos hoje os retratos. Esta companhia offereceu-nos um conjunto pouco vulgar, para o que contribuiu, tambem, a direcção artistica de Antonio Gomes, mestre no assumpto. Tencionam os sympathicos emprezarios fazer a temporada no Porto, no theatro **Sá da Bandeira**, e depois seguir para o Brasil em abril proximo, onde decerto serão recebidos com agrado, pois até lá organizarão um variadissimo repertorio com as melhores peças estrangeiras do genero e alguns originaes portuguezes. Acompanhará sempre a companhia o novel maestro Gomes, cuja pericia como regente de orchestra é indiscutivel, tirando os maiores effectos das partituras que lhe são confiadas. — E até á volta.

Rocio Palace — Continua n'este theatro obtendo pleno successo a operetta de costumes portuguezes *Arraia Miuda*, optimamente desempenhada, e com excellento musica de Alfredo Mantua, de uma inspiração sublime. Para breve teremos em reprise, o *Fado e Maxixe*, que ha duas epochas constituiu um legitimo successo na Rua dos Condes.

Phantastico — A revista *Hoje anda a roda*, continua sendo a delicia dos frequentadores d'este theatro, que não se cansam de aplaudir todas as noites auctores e interpretes, tendo a empreza peça ainda para largo tempo, com o que muito folgamos.

Animatographes

Chiado Terrasse — *Manobras francezas*, *Grandes Males* e *Felicidade Perdida*, eis as fitas de novidade ultimamente apresentadas n'este salão animatographico e que têm obtido um exito sem memoria.

Salão da Trindade

Tem sido uma verdadeira *Semana de ouro*. Todas as noites fitas novas sendo algumas de verdadeira sensação: assim o *Amor e Ciúme*, *Cesar Borgia* («film» d'arte italiano) e o grande drama em dois actos *Segredo d'alma*.

Salão Foz — A apresentação do illusionista Iank-Roie e da interessante bailarina *Conchita Vergara*, foram os successos da quinzena n'esta casa de espectaculos, tendo-se tambem exhibido algumas fitas animatographicas com geral agrado.

Salão Central — Optima musica e as mais recentes novidades animatographicas, offerece todas as noites aos seus numerosos frequentadores a empreza d'este salão, que prepara para breve algumas fitas verdadeiramente sensacionaes.

Olympia — *Guerra dos Balkans*, *Ladra de crianças*, *Direito do Primogenito* e *O retrato da Amada* (fita de 1:000^m), foram as ultimas novidades d'este salão, que continua apresentando sempre o que ha de melhor.

Chantecler — As fitas faladas são a especialidade da casa. Ultimamente vimos com geral agrado: *Contrabandistas*, *Sangue siciliano* e *Uma mudança arte nova*.

Salão do Loreto — Igualmente exhibe fitas faladas, tencionando em breve apresentar-nos grandes novidades.



Felisa Flores

que brevemente se estreia no «Phantastico»